

O CAMINHO DA INTEGRAÇÃO

Uma visão científica e social sobre a integração global



Humanidade Integrada

Rede internacional para a mudança social

O CAMINHO DA INTEGRAÇÃO

Uma visão científica e social sobre a integração global.

<http://humanidadintegrada.org/> Primeira Edição Julho 2015

Copyright © 2015 Todos os direitos reservados Publicado por Ediciones Globales
www.edicionesglobales.com.ar

Proibida sua reprodução total ou parcial sem autorização do editor ISBN: 978-987-33-7888-1

1. Sociologia. 2. Globalização. I. Título

CDD 306

Autores e colaboradores por países: Argentina: Andrea Gullán, Silvana Pisari.
Colômbia: Azucena Camacho

Chile: Raquel Cancino, Norma Medina. Equador: Paulina Iñiguez

México: Jessica Quiñonez, María Elena Monroy, María de los Angeles Sánchez Arroyo. Peru: Mónica Cordero, Nathanael Landa.

Uruguai: Aldo Bologna Alles

Censura: Anna Tzitayat

Direção para América Latina: Silvana Pisari Direção Geral: Tal Tzitayat

Tradução para o português: Andie Sheppard

O CAMINHO DA INTEGRAÇÃO

Uma visão científica e social sobre a integração global

Sumário

PREFÁCIO.....	7
Considerando a crise global atual.....	7
INTRODUÇÃO	9
O programa do desenvolvimento humano	9
PARTE I	12
I.2.Construindo o benefício mútuo	14
I.3. A Evolução da cooperação para o equilíbrio social	15
I.4. Em direção ao Bem Comum.....	17
I.5. Mesas de diálogo para melhorar nossa integração.....	19
I.6. O diálogo circular como fator de desenvolvimento social.....	22
I.7. A colaboração como novo valor social	23
I.8. Benefícios encontrados em grupos de ajuda mútua.....	25
PARTE II	26

II.1. A integração como eixo da educação	26
II.2. Fundamentos para uma boa educação.....	27
II.3. Educação para a consciência.....	29
II.4. Uma criança integrada será um adulto feliz.....	31
II.5. Educação integral para tempos de crise.....	32
II.6. Educação social para grupos vulneráveis.....	35
II.7. Educação para a reinserção social	36
II.8. Educar-nos em base a interações recíprocas.....	38
PARTE III.....	41
III.1. Redes de ajuda mútua.....	41
III.2. Aprofundar a conexão entre as pessoas.....	43
III.3. Jogos colaborativos: jogar cooperando	45
III.4. Caminhando em direção ao altruísmo.....	46
III.5. Estimular a generosidade.....	48
III.6. Cooperação e apoio mútuo para resolver conflitos	49
III.7. Relevância social da ajuda mútua	50
III.8. As instituições educativas como facilitadoras da mudança social	52
Epílogo	54
Sobre a Humanidade Integrada.....	57

PREFÁCIO

Considerando a crise global atual

A imagem que temos construído sobre nós mesmos desde épocas remotas não apenas condicionou nossa visão do mundo, mas também o modo de atuar na sociedade. Incapazes de nos darmos conta das possibilidades transformadoras do entorno para a satisfação das necessidades básicas, nos dedicamos a levar uma vida desequilibrada e cheia de excessos que desencadearam esta crise global de alto impacto social e ambiental. Por isto é necessário a reconstrução de nossa desvirtuada imagem mental, pois não apenas se abre uma nova forma de desenvolvimento sustentável, mas também um novo paradigma que implica uma mudança fundamental no modelo de civilização hoje dominante que apresenta o Homem e a Natureza como oponentes, entregando a ambos a missão de dominar um ao outro, como se o Homem e a sociedade não fossem parte da Natureza.

Como ponto de partida, devemos aceitar que somos inseparáveis do nosso meio e estamos condicionados por nossa mentalidade e entorno. A questão urgente é acordar um meio comum para nos adaptarmos à era global inclusive nas dimensões mais caóticas que possam apresentar-se; determinar, como meta universal, uma ação conjunta de garantia mútua que vislumbre um novo caminho em direção à uma vida em equilíbrio e harmonia com a Natureza.

A emergente sociedade integral nos está obrigando a mudar o enfoque individualista para doar todo esse potencial para a construção de um novo

Entretanto, no mundo não pode existir somente uma força, sempre há duas: recepção e doação (calor e frio; dia e noite). Inclusive quando predomina a força de recepção, posso estar disposto a doar um pouco, para receber mais. No século XX, o predomínio da força de recepção cresceu de forma exacerbada. Isto gerou um distanciamento entre as pessoas, o que por sua vez conduziu a crise social que hoje em dia se expressa em diferentes âmbitos: ecologia, economia, família, educação. Nosso desejo de receber prazer cresceu tanto que nem sequer estamos dispostos a doar um pouco aos demais. Este crescimento do egoísmo desencadeou a epidemia de narcisismo que estamos vivendo atualmente e que não tem precedentes na história da humanidade.

A força de doação, que contraria ao egoísmo, é a força de conexão. Sem esta não posso manter relações pessoais na sociedade. A força de doação é o que nos falta para construir a família global! A questão é que podemos receber esta força somente a través da construção de um bom entorno. Construir um caminho em direção à integração é o primeiro passo que daríamos para nos aproximarmos da compreensão da força de doação; e para dar este primeiro passo é necessário educarnos com base nos princípios da interconexão e da interdependência, pilares da sociedade integral.

Os conceitos que estão relacionados à competitividade no mundo atual estão cada vez mais em desacordo com as novas condições que impõe à sociedade de hoje, globalizada e unificada.

Imaginemos por um momento que todos os membros de uma sociedade integral adoram o altruísmo e a doação por um lado, e menosprezam o interesse pessoal pelo outro. Para não perder a autoestima e o respeito, as pessoas farão o que a sociedade valorizar. Pode parecer contraditório, mas as pessoas começarão a valorizar a força de doação já que a preocupação por si mesmos seria mal vista pelos demais. O entorno assim pode moldar as pessoas até torná-las seres humanos. O entorno atua no nível humano e é mais poderoso que a natureza do homem, que atua no nível animal.

A crise que vivemos hoje em dia nos obriga a mudar o foco de nossas relações desde a competência até a responsabilidade e consideração mútua. Para isso é necessário construir um novo sistema de educação, que afetará a cada pessoa, a sociedade, a nação, e a todos os países do mundo. Nosso desenvolvimento chegaria a um estado de harmonia com a Natureza, de acordo com suas leis e alcançaríamos um estado de paz interior e exterior assim que construíssemos nossa casa, como uma grande família global. Graças ao bom ambiente, todos seremos felizes neste mundo global, com a premissa de que nos relacionemos bem, garantindo nosso bem-estar reciprocamente.

PARTE I

I.1. A sociedade atual demanda conexão

Para alcançar uma maior compreensão do significado da conexão na vida de um ser humano no século XXI necessitamos ver mais do que um simples conceito e esquadrihar os paradoxos que são muitos em nosso cotidiano, quase como se estes fossem a norma. As circunstâncias atuais da vida atestam que chegamos a uma reflexão profunda sobre nossas relações humanas e em que medida nos sentimos conectados com o entorno e como isso repercute em nossa qualidade de vida.

Desde a década de 90 em diante, cientistas como Christakis e Fowler (1), nos surpreendem com os achados de suas investigações; ambos dizem que para saber quem somos, nós devemos compreender como estamos conectados. Nossas relações com os demais afetam nossa vida de muitas maneiras e em todos os âmbitos, mas existe uma singularidade, uma particularidade que vai além da economia, da política, da ecologia ou da saúde, entre outras, e é simplesmente a compreensão do que nos faz humanos.

É coerente pensar que necessitamos aprender um método de conexão que nos eduque e instrua sobre nossas relações, dado que afetam a muitos aspectos de nossa vida cotidiana. Estas relações as vezes se tornam hostis até em mesmo no seio familiar. A educação tradicional em geral não contempla formar seres humanos, ao contrário, fomenta a competição e o egocentrismo gerando brechas nos vínculos fraternais, amorosos e amistosos das pessoas. Nosso modo de vida atual nos afasta imperceptivelmente de nossa essência e do amor como eixo das relações humanas.

(1) Christakis, N., Fowler, J.: “Conectados, o surpreendente poder das redes sociais e como nos afetam”. Ed. Taurus. Ano 2010

A desconexão entre nós nos leva a despreocupar-nos do planeta e de sus habitantes, mas juntos e conectados podemos resolver qualquer problema.

Nossas conexões são muitas vezes subestimadas, até tal ponto que nos surpreenderíamos se soubéssemos que nossas perguntas relacionadas são concomitantes à crise global que o mundo experimenta. O estado da economia, a ecologia e a educação, entre tantos aspectos, é o reflexo de nossas relações, como já falamos. Isto pode ser mal compreendido pela sociedade atual ao estar carente de uma educação que nos explique a integralidade do mundo e a repercussão das interconexões que se sucedem a cada momento, cujos protagonistas somos nós, os seres humanos.

Podemos dizer que não somente necessitamos um método ou técnicas para aprender a nos conectar, mas também se requer sabedoria, dado que estamos falando da evolução humana em um tempo especial e crucial, uma época de grandes transformações internas que não podem ser subestimadas nem reprimidas

Na medida que comecemos a utilizar métodos que nos ajudem a reparar nossas relações, a reorganizar a sociedade humana, novas metas e propósitos de vida irão surgindo. Paulatinamente nos aproximaremos mais entre nós, trabalharemos juntos na reparação das consequências visíveis que nossas relações egoístas originaram no planeta, e estaremos criando um novo tipo de conexão mais compatível com nossa humanidade que nos aproximará ao bem-estar desejado e duradouro que todos aspiramos.

Juntos podemos construir uma sociedade baseada na doação mutua onde as pessoas se conectam para o benefício de todos.

I.2. Construindo o benefício mútuo

Os desejos e as necessidades são os impulsos mais importantes para que algo mude e, sobretudo, para que essas mudanças tragam uma vida melhor a quem as realize e a seu entorno. O ser humano busca satisfazer necessidades e desfrutar, de modo que este prazer seja o mais prolongado possível. Fato interessante se apresenta quando nossas ações não conseguem satisfazer estes desejos, ocasionando um vazio impossível de preencher. Entretanto, todas as crises que vêm acontecendo nos níveis atuais de desenvolvimento humano, nos movem em direção a um único caminho possível: aprender a adquirir os desejos dos outros como próprios e poder estabelecer a linha de conexão que sustente esta sensação em todo o entorno que nos influencia.

Historicamente a ciência se centrou nas contribuições individualistas de alguns expoentes, autores “solitários” como Da Vinci, Newton, Galileu, Pasteur, Pitágoras e sem aprofundar muito, o mesmo Hawking, associando as grandes ideias com seus nomes, como no caso do princípio de incertezas de Heisenberg ou a geometria euclidiana.

Entretanto, em nosso presente, o desenvolvimento científico prevalece a partir de trabalhos conjuntos, esforços de equipe, de interação com outras disciplinas, onde se destaca a integração como mecanismo para o alcance de uma conclusão aceitável. Já não predomina a produção do gênio individual, mas sim a produção no trabalho coletivo, gerando maior impacto e aceitação social.

A chave aqui está no processo de elaboração deste conhecimento e a valorização das capacidades de cada indivíduo que intervém no processo. Esta atitude gera contágio e traz flexibilidade para ver a inteligência de cada ação como algo natural e não como resultado de um teste a superar. A colaboração mútua é a chave do êxito no contexto atual.

Este é o modo pelo qual nos estamos consolidando como cientistas das relações humanas. Colocando a unidade dos seres humanos como meta fundamental que aspira solucionar nossos grandes problemas sociais, nos animamos a nos conectar e nos integrar nas mesas de trabalho e diálogo circular, dando importância à forma em que o desenvolvemos. O respeito pelo outro, o jogo colaborativo, as perguntas e respostas onde todas as ideias que diferem são válidas, apontam para uma conclusão, que tenha a capacidade de impulsionar-nos a um novo nível de

vinculação, melhorando a qualidade da relação na medida que o processo se repete (2).

(2) Manes, F, Niro, M: “Usar o cérebro”, Cap. O método das neurociências ou a ciência como metáfora. Ed. Planeta, 9ª edição. Ano 2014

É óbvio que estão entre nós o campo emocional e a motivação de nossas próprias dores passadas, para nos fazer dar volta na história. Esta é a convocação e o propósito de nossa equipe, como um ato de garantia que não apenas pensa mas faz acontecer para as gerações presentes e as que virão.

1.3. A Evolução da cooperação para o equilíbrio social

O homem moderno é resultado da seleção natural da evolução. A superação dos diferentes sucessos históricos que tem que atravessar, tem sua força na coesão social de uma comunidade, onde seu progresso depende da necessidade mútua dos integrantes. Isto sugere que a cooperação entre eles, e não a competição, é o ingrediente fundamental para tal progresso. Martin Nowak, biólogo e matemático da Universidade de Harvard (3), afirma que este princípio é o fundamento das grandes inovações ao longo do tempo; mais que isso, o considera decisivo na humanidade.

Historicamente, os seres humanos são motivados pela desconfiança quando se encontram imersos em uma crise, e como resultado se acrescenta o interesse em benefício próprio, prejudicando conseqüentemente o semelhante e a se mesmo. Nowak e o escritor científico Roger Highfield apresentam em seu livro “Super cooperadores”, o dilema do prisioneiro, uma explicação de como a cooperação pressupõe um melhor resultado que o que pode conseguir cada indivíduo de forma separada. A contribuição de Nowak consiste em utilizar simulações numéricas e com isso aplicar o dilema a um grande número de indivíduos no lugar dos dois do exemplo clássico.

Ao analisar que os cooperadores possam ter menos possibilidades (obter benefício individual é sempre mais fácil), chegam à conclusão que certos mecanismos de interação facilitam a evolução da cooperação e o altruísmo no progresso da sociedade. O mecanismo fundamental é a reciprocidade (dar algo em troca de algo de forma instintiva), mostrando como o comportamento desinteressado surge de forma natural da competição.

(3) Martin Nowak: <http://unpocodesabiduria21.blogspot.com.ar/2013/04/supercooperadores-2011-martin-nowak.html>

Os grupos que aprendem a
aumentar a cooperação se
beneficiam a si mesmos e a
sociedade.

No caso particular da “reciprocidade indireta”, permite que as pessoas generosas e cooperativas construam uma reputação pela qual os demais são mais propensos a colaborar com elas. É evidente que nós, os seres humanos, estamos desenhados para nos conectar e colaborar socialmente com os outros em busca de um equilíbrio social, e competir entre nós não é o fator positivo, mas sem um fator que nos levou à mudança.

Para assegurar a permanência do equilíbrio social, a colaboração exige confiança e generosidade, já que sem uma dose mínima dela não há colaboração possível. A cultura do bem comum, empática e solidária, permite analisar os benefícios e consequências psicossociais da colaboração em termos sociais e globais.

São inumeráveis as investigações de cientistas, sociólogos e educadores a respeito da melhoria na qualidade de vida e das relações. A busca do equilíbrio em comunidade nos leva a superar todo tipo de guerras, externas e internas, e hoje nos encontramos frente a um estado de evolução que nos compele irrefreavelmente à cooperação mútua. Alterar os antigos costumes individualistas requer outros novos, e uma proposta renovadora necessita contar com bases que reflitam a soma destas fontes diversas em uma única direção comum: a elevação da condição humana. Sustentamos esta proposta, e com a colaboração de todos a estamos realizando.

I.4. Em direção ao Bem Comum

Cada dia que passa criar se torna urgente, mas criar em um sentido positivo, algo que envolva a todos. Onde quer que olhemos, acontecem situações que nos empurram inevitavelmente a uma mudança de atitude e assim, a uma mudança que avalie conscientemente uma decisão melhor. A questão é, como podemos alcançá-la?

Recentemente tem aparecido inúmeras demonstrações sobre o poder que geram as multidões e suas decisões. Sem questionar se estes atos são mais inteligentes ou não, o que podemos assegurar é que determinam uma inteligência coletiva que certamente unifica a diferença entre as inteligências individuais dos integrantes. Portanto, a multidão é mais inteligente que qualquer um deles.

Incrivelmente, as multidões mais sábias são aquelas feitas a partir de indivíduos pensando sobre suas próprias necessidades, não as do grupo. Entretanto, a soma de todas essas individualidades enfocadas em um propósito, geram uma “decisão média” que faz do grupo um ser unificado e inteligentemente capaz de resolver a situação que lhe seja apresentada.

Todos os seres humanos deveríamos fazer uso das capacidades socio-biológicas que nos levam a evoluir em direção do bem comum.

Há dois anos, Lior Zoref, mestre em ciências da computação e estudante de doutorado na Universidade de Bar Ilan, realizou uma excelente demonstração no TED sobre este comportamento social, conseguindo que 500 pessoas determinaram o peso de um touro vivo (colocado para a audiência por seus colaboradores) quase com total precisão, já que o peso real era de 1795 libras,

tanto que a “determinação média” da audiência foi 1791 libras. Cada um dos assistentes deu sua resposta pessoal a respeito. O interessante aqui é que o propósito de o descobrir coletivamente, faltando muito pouco para a exatidão (1).

Outro caso similar acontece quando muitas pessoas, sem se importar se sabem ou não, cantam juntas uma canção. Imaginemos um estádio cheio, e um intérprete cantando uma de suas elogiadas canções e, por um instante, deixa a todos cantando sem sua companhia. Seguramente se fossemos escutados individualmente, seria impossível ocultar o quanto desafinamos. Mas misturados na multidão, as vozes individuais se tornam impossíveis de distinguir, como um coro preparado para dar a melhor performance. Certamente desafinamos de forma tão organizada que terminamos entoando corretamente, como se soubéssemos, porque o propósito nos levou a cantar a famosa canção, tal qual é.

(1) Paenza, Adrián A: “A puerta equivocada”, Cap. O peso de um toro. Bons Aires. Ed. Sudamericana, 1ª edição. Año 2014.

Estes sucessos nos permitem analisar se esta forma organizada, esta vontade acertada e inteligente da multidão, pode transladar-se decididamente a melhorar como sociedade. O bem comum é uma proposta que entra dentro da decisão de multidões, no entanto, ao não se estabelecer como propósito essencial em nossas vidas pessoais, não se alcança essa “decisão inteligente” que o fenômeno pode produzir.

Tudo pode ser repensado a partir do diálogo.

Muitas coisas começam assim, pois é o empurrão em direção a um novo desafio.

Definitivamente, se em nossa vontade individual aparece esta necessidade do bem comum, e a incluímos em uma meta conjunta, então a multidão decidirá inteligentemente a seu favor. É por isso essencial nos preparar e treinar para este fim. Nossos jogos de conexão são um interessante mecanismo que permite sentir o bem-estar que faz alcançar uma meta comum com vontade coletiva, ser criativos desta sensação unificadora.

A colaboração necessariamente merece um valor de status em nossa sociedade atual para

As mesas de diálogo aproximam a participação de cada indivíduo como ato primordial na formação da linha do meio de todas essas apreciações, tornando-se a condutora dos atos a seguir demonstrando que, no final, todos temos dentro o sinal que nos unifica, e para isso há que a conecta a todas as demais.

1.5. Mesas de diálogo para melhorar nossa integração

Tanto nas relações de casais como nas de grupos de trabalho, na família, com os filhos, aparecem situações que às vezes colocam em dúvida a fortaleza destas. Sem importar o tipo de situação, simplesmente não gostamos do que os outros tem para nos dizer ou o que fazem com aquilo que lhes dizemos. O desacordo e a falta de compatibilidade na forma de ver as coisas, desencadeiam a confusão, a dúvida e na maioria de os casos, a separação o afastamento entre as partes.

Mas isso não soluciona os problemas de base, os rancores pelos quais não podemos aceitar o olhar diferente da realidade. É por isso que a falta de capacidade para alcançar relações perenes tem se tornado relevante em todo entorno social, frente a isso buscamos encher o vazio que estas sensações deixam, muitas vezes de maneiras erradas. Até a ajuda psicológica está começando a falhar, porque cada uma das partes em conflito não quer renunciar a suas razões.

Mesmo sentindo-se livre do problema chegam à conclusão que isto também não os satisfaz. Em consequência, como mudar nossa percepção e nossas ações em relação ao que nos acontece, para conseguir estabilidade e equilíbrio nas relações? Para este tipo de problemas se pode encontrar soluções através do trabalho em

grupos, com outros casais, famílias ou no caso de relações profissionais, com o grupo de trabalho.

Construir uma sociedade onde as pessoas se conectem entre si, uma sociedade baseada em doações mútuas, nos permitirá construir um futuro mais compatível com o princípio de colaboração do que competição.

Os debates e conversas em mesas redondas, através de um enfoque circular, nos quais somos todos iguais e podemos falar abertamente de nossos problemas- permite trabalhar positivamente os aspectos que nos conduzem ao desacordo e às discussões. E quando trasladamos estas questões a uma instancia de acordo mútuo, podemos ver a riqueza que nos trazem. É, todavia, fundamental não perder de vista nossas falhas, porque elas são o fundamento do trabalho a ser feito, necessitamos a vontade de concordar e nos colocar no ponto de vista do outro como algo renovador. Cultivar a tolerância em direção a eles, nos permite incorporá-los como algo natural, gerando empatia. A mesma natureza mostra em diversos sistemas, a conexão existente entre os componentes, e se falha ou funciona uma parte, falha ou funciona o todo (2).

Um grupo humano não escapa a este formato: funciona eficientemente e com plenitude se seus membros cooperam na integração das boas relações, sustentando a coesão. Homogeneizar nossas atitudes coletivas pode ser um processo interessante, uma forma aceitável para estabelecer uma meta conjunta, para elaborar os laços por diferentes perspectivas. Com nosso método de conexão e todas as ferramentas de que dispomos, podemos conseguir importantes avanços na melhoria das relações humanas.

As pessoas devem realizar aportes mútuos, e para isso é crucial manter uma boa atitude, aceitar o apoio das pessoas que nos rodeiam e nos envolver em atividades que motivem a conexão entre nós e gerem benefícios coletivos.

(2)<http://www.sld.cu/saludvida/psicologia/temas.php?idv=6105>

I.6. O diálogo circular como fator de desenvolvimento social

Toda nossa cultura primitiva de mitos e rituais ressaltou a necessidade humana de socialização. Os costumes de vincular-se com os demais e com o meio ambiente são concomitantes ao desenvolvimento do homem até o século passado. Entretanto, o progresso, a tecnologia e a evolução de nossas necessidades atuais, tem atentado contra a estabilidade familiar e emocional das pessoas em quase todas as sociedades do planeta.

Estudando os bosquimanos de Kalahari, um povo de caçadores-coletores, e fazendo uma alegoria das reuniões ao redor do calor do fogo, a Dra. Polly Wiessner, antropóloga da universidade de Utah (EUA) (1), menciona que: “os relatos ao redor do calor das chamas serviram para fazer evoluir o pensamento ao reforçar as tradições sociais, promover a harmonia e a igualdade, e cultivar a imaginação”. É evidente que o sentido de cooperação e apoio entre as pessoas de uma mesma tribo ou comunidade mediante atividades circulares era o que permitia a sobrevivência e o desenvolvimento social do homem primitivo.

Alguns rituais foram evoluindo em jogos a medida que se as sociedades se tornaram complexas até a atualidade. Assim, mesmo, o diálogo circular ao redor de fogões é considerado nesta investigação como o fator que contribui para o desenvolvimento social do homem. As interações que surgiam neste tipo de reuniões sociais possibilitavam que se conversasse desde as atividades rotineiras até a resolução dos conflitos que se derivavam delas.

Se observamos com atenção o comportamento de nossos antecessores, evidenciamos que a estrutura de redes circulares de diálogo e interações foi fundamental para nosso desenvolvimento social e afetivo. Não obstante a crise atual de desconexão social que prolifera ao nosso redor, é um indicador de que perdemos, ou nos desviamos do legado cultural que nos alentava a unir-nos e interagir com pessoas de nossa comunidade para nos beneficiar mutuamente.

Por esta razão, se unimos esforços e retomamos esse tipo de conexão circular através de jogos, instâncias de diálogo participativo e atividades que nos permitam experimentar essa sensação de unidade que as gerações passadas viveram e algumas comunidades caçadoras-coletores que vivem em nossos dias, poderemos encontrar novas formas de nos relacionar e superar os problemas e desafios de um mundo que necessita mudanças; fundamentalmente uma mudança no modo de nos relacionar entre nós e com o entorno.

(1) http://www.tendencias21.net/Las-historias-a-a-luz-do-fuego-impulsaron-a-evolucion-do-pensamiento-humano_a37298.html

1.7. A colaboração como novo valor social

O novo paradigma da psicologia evolutiva nos surpreende com seus achados. Neste caso o psicólogo da Universidade de Harvard, Dan Gilbert (2) nos introduz no mundo da evolução do Homo Sapiens através do conceito da colaboração. Segundo suas investigações, o salto do primata ao homem se deve ao crescimento do nosso cérebro e a aprendizagem da colaboração; e quanto mais aprendíamos a colaborar, nosso cérebro aumentava seu tamanho.

A educação oferece a uma pessoa a possibilidade de transformar-se e tomar consciência para elevar sua condição humana.

(2) <http://www.gauravbhalla.com/collaboration-makes-our-brains-bigger/>

A única maneira de poder devolver à educação seu significado é cultivando os valores através da transformação das próprias emoções das pessoas, e a combinação delas com o entorno de desenvolvimento.

Por sua vez, a colaboração parece ser uma das razões principais do desenvolvimento da imaginação nos seres humanos.

Assim, desde a contribuição das neurociências temos conhecimento de que nos últimos dois milhões de anos o cérebro humano triplicou sua massa, adicionando uma parte nova que conhecemos como córtex pré-frontal. Seu mecanismo permite o inibe o comportamento seletivo da pessoa em função às condições do entorno. Não resta dúvidas que o entorno e a necessidade de colaborar com os demais para a sobrevivência, tem condicionado o processo para a evolução e o aumento do tamanho do cérebro.

Surgem muitas perguntas sobre o que nos levou a escolher a colaboração em lugar da competição. Evidentemente a sobrevivência era mais relevante e dependia muito mais da colaboração e a ajuda mútua, que da competição. Isto levou ao redesenho do cérebro em apenas duzentos mil anos e somente é justificado pela necessidade de conexão social e colaboração. O homem começou a fazer uso da imaginação que estava relacionada com a forma em que coexistia com os demais e imaginava sua vida em relação a isso.

Desta maneira nossa imaginação foi evoluindo, concomitante ao aumento do cérebro e permitindo o surgimento da sociedade. Pudemos construir sociedades porque estávamos aptos para colaborar. Ao mesmo tempo estamos mudando as perguntas sobre o aumento de nosso cérebro não pelo motivo, mas sim para que finalidade. Ontem nos perguntávamos sobre nosso cérebro e hoje queremos saber e imaginar onde pode nos levar, qual é seu potencial. A resposta está na colaboração. Todos os seres humanos deveríamos fazer uso das capacidades sócio biológicas que nos levam a evoluir em direção al bem comum. A colaboração necessariamente merece um status de valor em nossa sociedade atual para sortear as dificuldades das crises causadas pela competição.

I.8. Benefícios encontrados em grupos de ajuda mútua

Os grupos de ajuda mútua são compostos de pessoas que compartilham um problema ou situação comum. Se reúnem para superar o que lhes está acontecendo e conseguir mudanças sociais e/ou pessoais. Estes grupos enfatizam a interação social e as responsabilidades que os participantes tem dentro do grupo. Por sua vez, proporcionam ajuda emocional e promovem a compreensão e apoio a quem necessitar. Geralmente não são dirigidos por alguém externo ao grupo e todos os membros são iguais.

Existem distintos tipos de grupos de ajuda mútua, constituídos tanto por pessoas afetadas por uma doença ou problema como por seus familiares ou cuidadores. Alguns grupos de ajuda mútua se centram em uma enfermidade particular: câncer, HIV, insuficiência renal, diabetes, etc.; outros se compõe por pessoas com problemas de vícios: abuso de álcool ou drogas, obesidade por excesso de alimentação, anorexia, etc. Também há grupos de pessoas que sofrem problemas psicossociais como por exemplo separações de casais, duelos, problemas criados pela idade avançada e a solidão, ou pessoas com um problema gerado pela própria sociedade, como a marginalização social de grupos indígenas, mães solteiras, e outros casos(1).

Uma das características principais deste tipo de grupos é que para seus integrantes é muito difícil realizar uma mudança de vida individualmente; por esta razão buscam ou tem a necessidade de apoiar-se uns aos outros, o que os motiva a conseguir uma mudança. O essencial dos grupos de ajuda mútua é o apoio emocional, que consiste em saber escutar e ver que outros sofrem por um problema parecido ou ainda mais grave. Este apoio se dá durante as reuniões do grupo, mas muitas vezes também foi dele, sempre tendo contato via telefônica com chamadas e mensagens, fazendo uso da Internet, ou visitas domiciliares. Este apoio é permanente e tem como objetivo conseguir a solidariedade e a responsabilidade mútua entre seus integrantes.

É importante nestes grupos estimular o intercâmbio de experiências e conhecimentos entre seus membros; além disso os conhecimentos sobre novas formas de tratamento ou receber informação sobre um problema concreto são valorizados. Graças a este intercâmbio de experiências os membros do grupo podem ser beneficiados ao sentir o apoio e ao mesmo tempo apoiar aos outros. Quando as pessoas se sentem apoiadas e sustentadas em um ambiente de reciprocidade podem conseguir dar boa ajuda para a sociedade.

<http://www.redvihda.org/ajuda.asp>

Uma educação que combine mente,
corpo e coração, torna possível a
descoberta da plenitude da vida.

PARTE II

II.1.A integração como eixo da educação

Do mesmo modo que tudo na natureza tende ao equilíbrio, a educação deve aspirar, não somente a compartilhar conhecimentos, mas também desenvolver o ser humano socialmente, para que ele possa utilizar todo seu potencial em benefício do entorno. A educação como se infere e se pratica hoje em dia, está exclusivamente centrada na transmissão de informação e conhecimentos, e não no desenvolvimento das habilidades inatas presentes em cada criança.

Hoje em dia toda a humanidade se encontra à beira de uma transição importante na educação; tal e como descreve Garry Jacobs em seu artigo “Em direção a um novo paradigma da educação” (1): O conhecimento compartimentado e fragmentado do passado é cada vez mais insuficiente para satisfazer as necessidades de uma sociedade que está mudando aceleradamente.

Portanto, as demandas do mundo atual, completamente globalizado, exigem dos educadores uma atualização do sistema de educação, onde cada criança que representa nosso futuro possa desenvolver as destrezas sociais necessárias que nos ajudem a superar os níveis de alienação, suscetibilidade e desconfiança que tanto abundam na atualidade e que contribuem para a crise mundial.

(1) <http://www.cadmusjournal.org/node/403>

É por isso que a real solução radica em ensinar a cada criança mediante um enfoque diferencial e integral em consonância com a própria natureza. Neles, o processo de aprendizagem sobre a vida é completamente ativo e heterogêneo. Necessitam aprender, por exemplo como funcionam as entidades bancárias, os hospitais e os armazéns. Devem realizar visitas al zoológico, ao campo, ao planetário e outros lugares similares, e depois debater sobre como tudo isto está interconectado. Essas visões abstratas e fragmentadas do mundo, necessitam finalmente conectar-se em uma imagem única, integral, que lhes brindará a impressão do mundo como um todo, similar a uma máquina que necessita que todas suas engrenagens funcionem em consonância.

As crianças necessitam nos escutar falar sobre unidade e nos ver atuar a favor dela, de forma tal que se sintam atraídos a conectar-se com os demais, a crescer a partir da confiança e amor, e não do temor e exclusão. Temos os exemplos da natureza, o equilíbrio e altruísmo presentes nela, como força que une e abarca tudo, incluindo a cada um de nós.

II.2. Fundamentos para uma boa educação

Atualmente, peritos ao redor do mundo estão tratando de compreender qual é o sistema educativo de mais êxito para incluir e integrar a os alunos, professores e diretores de uma instituição. A realidade é que a receita extraordinária que nos garante o melhor em questões de educação é unicamente aquela que leva em conta cada criança como um ser único particular e sem igual. Existe um exemplo de modelo educativo que integra e inclui cada aluno sem distinção de gênero ou raça. Este modelo é o “finlandês” (2).

Quando a cultura de cooperação cresce no ambiente escolar, permite o desenvolvimento de altas capacidades pessoais que também beneficiam o grupo.

A sociedade em geral tenta compreender qual é o sentido do tipo de aprendizagem “finlandês”, desde que a primeira prova PISA (Programa para a Avaliação Internacional de Alunos, por sigla em inglês) aplicada no ano 2000, para demonstrar que este país possui o melhor sistema educativo do mundo.

De acordo com o argumento de Pablo Zoido, analista de PISA, “Todo o mundo crê que tem o melhor sistema até que decide comparar. E o que aconteceu com a Finlândia foi uma surpresa para eles também; não sabemos exatamente qual é a variável que leva um sistema educacional ao êxito, porque não há uma fórmula mágica, mas o caso finlandês é perfeito para ver que a conjunção de muitas variáveis únicas pode levar a algo assombroso”.

A importância da inclusão dos estudantes com diferentes aptidões, junto à estimulação precoce da socialização e o respeito pelo ritmo de aprendizagem de cada criança, é o fundamento para uma boa educação. O objetivo de aprender não deve estar baseado na quantidade de matérias aprendidas, mas na constância por sustentar a interação de conteúdos com outros aspectos tais como a socialização ou a resolução de problemas em mesas de diálogos circulares.

Está demonstrado que este tipo de educação faz as crianças mais felizes, imaginativas e inovadoras. Trabalhar os conteúdos como projetos mais que como aulas oficializadas, deixa um maior tempo ao professor para poder trabalhar com aqueles que necessitam apoio extra, e que no desenvolvimento destes planos se de valor aos diversos recursos, à cooperação e à originalidade.

É por isso necessário entender que a era da competição baseada unicamente no conhecimento chegou ao seu fim. Entramos na era da inovação, onde saber adquirir inteligência, é saber levar à ação aquilo que as crianças descobriram com seus próprios meios e utilizar isso em a boa comunicação e interação com o entorno delas e com a sociedade em geral.

(2) <http://www.eluniversal.com.mx/sociedade/2014/por-que-finlandia-tem-o-melhor-modelo-educativo-1046564.html>

II.3. Educação para a consciência

Faz tempo que a educação não é a como nós acreditamos que deve ser. Este problema se reflete nas condutas de quem intervém no processo: os estudantes, forçados a estarem a serviço da produção servil para um sistema cujo vício está acompanhado dos meios de comunicação que mostram claramente a ideia de consumismo. Suas condutas na escola mostram o resultado irrelevante esta posição, manifestando a falta de uma educação sobre a evolução das relações humanas. Esta falta por ausência que existe na atitude constante dentro e fora da aula, com apoio dos adultos, é a ponta do novelo a ser desembaraçada.

A educação está no centro do problema, pois dá a cada pessoa a possibilidade de ser quem ela poderia ser, a transforma em um ser que luta contra sua verdadeira essência: a de dar consciência, seu tempo e sua vida a uma elevação da condição humana. Estamos em frente da a porta que conduz a uma mudança profunda que começa a se manifestar em muitas instituições educativas do mundo, em resposta às problemáticas que hoje nos mantém em alerta.

O esencial é educar em um ambiente compatível com a integralidade do mundo, que nos ensine a conhecer e respeitar las leis que nos regem.

O modelo de desenvolvimento econômico atual encobre o desenvolvimento da pessoa, pondo a parte da mente da qual depende o sentido da vida em espera. A única maneira de poder devolver à educação seu significado é cultivando os valores através da transformação das próprias emoções das pessoas, e a combinação delas com o entorno de desenvolvimento. Segundo Claudio Naranjo (3), antropólogo e psicólogo chileno reconhecido por suas investigações em educação em termos

mundiais, “há muita carência amorosa e muitos desequilíbrios nas crianças. Uma pessoa não pode aprender intelectualmente se está ferida emocionalmente”.

Quando a educação se enfoca somente na razão, nessa parte do homem que o cérebro intelectual faz funcionar, influi sobre o afeto e sobre a sabedoria instintiva de uma pessoa, privando-lhe da riqueza que existe em um estado de plenitude. Segundo Naranjo, a apreciação com a qual coincidimos, uma educação que combine mente, corpo e coração, em equilíbrio de ordem e coordenação, fazem possível o alcance da plenitude de viver.

Naranjo cita os indígenas, pois tratam a natureza de maneira que seu valor não seja de um sentido utilitário: “Em a ecologia como em a economia e outras coisas, queremos prescindir da consciência e funcionar somente com argumentos racionais e isso nos leva ao desastre. A crise ecológica somente pode parar com uma mudança de coração, verdadeira transformação, que somente a pode ser conquistada no processo educativo”.

Assim, seu aporte confere importância crucial à educação para a consciência, a única que, em combinação de vontades coletivas, de trabalho conjunto entre pais, docentes e estudantes, poderá sanar a mente humana e prevenir a deterioração da natureza.

Fomentar o desenvolvimento das capacidades humanas que existem em cada um de nós e no coletivo marginalizado, empoderará através da educação social a todas as pessoas que integram a sociedade.

(3) <http://www.elmostrador.cl/pais/2015/01/05/esta-educacion-sirve-para-domesticar-a-a-gente-para-que-sigan-siendo-unos-corderitos-manipulables-por-os-medios-de-comunicacion/>

11.4. Uma criança integrada será um adulto feliz

Recentes investigações revelam que para conseguir uma vida feliz há que considerar em primeiro lugar a amizade do que o estudo em termos escolares. Por esta razão, os adultos que tiveram uma infância centrada na amizade mais que na parte acadêmica, hoje disfrutaram de maior felicidade que aqueles que colocaram seus objetivos na parte acadêmica e não na amizade.

Em geral, vários estudos indicam que as raízes da felicidade na vida se remontam à infância da pessoa. Entre os achados (4) se advertiu que as crianças que tiveram um bom desempenho escolar e uma boa rede de conexões eram mais felizes que os adultos que sofreram academicamente, exigindo-se um rendimento superior e que se sentiram socialmente alienados.

A felicidade neste caso, segundo os autores da investigação, não se trata somente de sentir-se bem o ter emoções positivas. É também a capacidade para fazer frente às dificuldades da vida, sentir-se pertencente à comunidade, reconhecer as próprias fortalezas, e perceber a vida de relação como algo significativo. Isto não se opõe que a parte acadêmica seja importante para a vida, de fato, a evidência sugere que em alguns casos o êxito acadêmico pode fomentar também a conectividade social, mas tudo depende das conexões sociais que estabelecemos.

Por outro lado, aqueles estudantes mais extrovertidos, amáveis, independentes, bons nos esportes, e com vários interesses onde as relações sociais eram mais importantes que o êxito acadêmico, contribuíram com a previsão de felicidade em no tempo: “A via de conexão social entre os adolescentes e o bem-estar uma década depois, ilustra a importância duradora de relações sociais positivas”.

Tudo isto indica a importância de introduzir em âmbito acadêmico uma educação para a vida de relação. Os conteúdos sociais e acadêmicos não devem estar separados e ao mesmo tempo, o desenvolvimento social positivo de crianças e adolescentes requer inversões além do desenvolvimento do programa de estudos. As famílias e as escolas necessitam nutrir-se mutuamente das habilidades sociais que prepararam a pessoa para construir o bem-estar da sociedade futura melhorando a inclusão social e a conexão da criança desde cedo. Com estas ferramentas, a criança indubitavelmente será um adulto feliz.

(4) <http://greatergood.berkeley.edu/article/item/scratchahappyadultfindasociallyconnectedchildhood>

II.5. Educação integral para tempos de crise

Entre as capacidades inatas do ser humano se encontra a de compreender. Quando é capaz de compreender o mundo que o rodeia, o homem cria, inventa, elabora, propõe. E se estas ações podem manifestar-se, é porque podem ser aprendidas. Quando os profissionais da educação se veem impossibilitados de dar espaço às contribuições dos alunos, tudo o que se pode aprender em aula tende a ser esquecido ou perde o interesse. Hoje, uma mudança no enfoque do ensino baseado em como aprender a ser compreensivo é chave. Algo que se pode elaborar em idade escolar, onde a escuta e a proposta sejam integrantes elementares do desenvolvimento da aula.

Em muitas ocasiões os profissionais de a educação se concentram em situações pelas quais expressam suas opiniões, entretanto, não conseguiram ser compreendidos. Isto acontece sempre que os alunos não fazem exatamente o que se lhes pediu em alguma atividade. Mas esta costuma ser uma conduta própria do individualismo das pessoas, pois nem sempre se ouve o que o outro quer dizer como também, o que se deseja escutar. Não nos separamos de quem somos enquanto escutamos alguém, e isso influi de maneira contundente na comunicação.

Para poder compreender o que outros querem dizer é necessário o esforço de reconhecê-los, tratando de sentir ou de pensar aquilo que querem nos dizer (empatia). Simplesmente é nos colocar no lugar do outro. Quando conseguimos ver como pensa, sua forma de expressar-se, ou seja, que nos pareça coerente ou não, realmente começa a leitura compreensiva do que temos em frente.

Segundo Carme Pablo Puig e David Vilalta Murillo (5), profissionais da educação na Catalunha, indicam certos fatores essenciais que aportam ao ensino da compreensão e que devem ser trabalhados com dedicação. Um destes aspectos que se destaca é o acostumar-se ao aporte de cada criança, quando prepara algo para surpreender os demais. Quando se incentiva a uma criança a escutar como é que outro sabe, aprende a expressar suas próprias opiniões como um aporte adicional e se constrói um saber coletivo. Como consequência, ao tornar públicas as ideias de todos provocam o aparecimento de algumas seguranças e de muitas outras dúvidas. Assim, é preciso organizar momentos e espaço na aula para o debate, a

exposição e a controvérsia, com a finalidade de encontrar algumas explicações plausíveis sobre o tema estudado o a pergunta planteada.

Quando o que tratamos de oferecer é uma educação de qualidade, os conteúdos (cada vez mais extensos pela diversificação de conhecimentos) vem ser revisados para saber o que deixar de lado e, de esta maneira, dar lugar à educação de qualidade, onde preparar a uma criança para saber o que ela quer ou como mudar a forma que lhe permita enfrentar cada desafio de sua vida social, com a consequente melhora em suas relações interpessoais. Este é um dos objetivos essenciais que se espera recuperar nas escolas.

Ensinar em um contexto de crise educativa como a que atravessamos na atualidade tem seus benefícios. A análise consciente e profunda de sua razão acelera a compreensão de sua transformação: faz falta na educação algo que nada tem que ver com conteúdo, mas em como adquirimos capacidades para nos expressar e entender a expressão dos outros, como aprendemos a nos conectar corretamente com essas sensações alheias e aceitarmos a diferença de sentido para em seguida ter empatia e elaborar juntos uma estratégia, um resultado proveniente de escutar e compreender o que nos rodeia.

Se trata simplesmente de individualidades que aprendam a ser “eu” e “nós” simultaneamente, conectados, com a capacidade de tomar decisões que atendam ao bem comum.

(5) http://www.tendencias21.net/Educar-para-compreender-e-compreender-para-sair-de-a- crise_a13262.html

II.6. Educação social para grupos vulneráveis

Existem hoje no mundo diversos grupos de pessoas e comunidades que se encontram em situação de vulnerabilidade. Este coletivo multifacetado que inclui desde grupos étnicos discriminados até pessoas privadas da liberdade, entre outros, requer ações e enfoques participativos que permitam incluí-los na sociedade global do século vinte e um através de programas de educação social e ações de empoderamento pessoal.

Apesar da tendência que há em algumas sociedades de excluir as pessoas que estão privadas da liberdade e se desviam das normas de um grupo funcional, o programa de educação para presos do Bard College no Estado de Nova York (EUA) (6) oferece aos presidiários a oportunidade de concretizar os estudos universitários e pós-graduações na Universidade de Nova York, Columbia e Yale. Além deste, existe outro programa que ajuda às mulheres a sair da detenção quando finalizam seus estudos universitários.

Sem ignorar a gravidade dos crimes cometidos, os prisioneiros que recebem uma educação de qualidade mostram uma importante erudição e avanços sociais sem precedentes. A educação sociológica lhes permite o empoderamento pessoal e a compreensão da interdependência que existe entre as pessoas de todas as sociedades, com toda sua variedade de características individuais. Por sua vez, cada pessoa consegue ter controle sobre suas ações e emoções e dirige sua vida com outras convicções. Por esta razão a educação em nas prisões se reformulou além dos parâmetros da prevenção do delito e poderia ser utilizado como modelo similar para resolver os problemas mais amplos das comunidades inclusive fora da prisão.

O êxito dos enfoques participativos e empoderamento pessoal através da educação social permite reduzir as vulnerabilidades individuais mediante a interação em grupos, ao mesmo tempo que se incrementam as capacidades dos setores mais marginalizados da sociedade promovendo entre eles o desenvolvimento humano. Toda forma consistente de apoio mútuo e participação cidadã para abordar estas problemáticas são indispensáveis para desvanecer os estereótipos que definem os grupos vulneráveis. Fomentar o desenvolvimento das capacidades humanas que existem em cada um de nós e no coletivo marginalizado, empoderará através da educação social todas as pessoas que pertencem à mesma comunidade, sociedade e ao mesmo mundo global e interconectado.

(6) <http://www.nytimes.com/2014/06/01/nyregion/prison-program-turns-inmates-into-intellectuals.html>

Possuímos uma extraordinária capacidade de usar imagens e símbolos para compreender o meio ambiente, criar planos de ação para resolver problemas, adquirir novos conhecimentos mediante o pensamento reflexivo e comunicar-nos com os demais apesar da distância, do tempo e do espaço.

II.7. Educação para a reinserção social

Hoje em dia se vive sob uma sensação crescente de insegurança cidadã (7), que nos faz atuar com medos e temores ao sair à rua, ou ir para a escola ou para o trabalho. Vemos também que o aumento de forças policiais não reduz nosso estresse frente à problemática e a crise neste âmbito aumenta devido a diversos fatores. A história nos demonstra que dessa maneira se podia manter a ordem e a tranquilidade, não obstante, mesmo que não se perceba a segurança desejada, mas ao contrário a violência persiste como mostram os meios de comunicação tornando os cidadãos ainda mais vulneráveis. Por isso é necessário abordar estes problemas de uma maneira diferente pela experiência histórica que temos tido, e que na atualidade se executam com resultados magníficos.

Em geral dentro das comunidades prevalece o mito de que a insegurança vem de pessoas que entram e saem dos presídios por distintos fatores, que não conseguem se reabilitar e que além disso, promovem a delinquência também dentro da família. Estes preconceitos somente se contribuem para manter o circuito de exclusão e piorar a situação da pessoa que deseja reinserir-se e contribuir na comunidade. Isto faz que este coletivo se sinta marginalizado e excluído da

sociedade com altas probabilidades de reincidência na delinquência por não dispor de outras opções. A pergunta é: como podemos aprender a incluir e reinserir na sociedade as pessoas que tememos que nos façam mal? Como podemos baixar o nível de desconfiança?

No Instituto Penitenciário de Punta de Rieles no Uruguai (8) uma nova forma de administração carcerária se implementou em 2010 cujo objetivo é reduzir a delinquência e, por conseguinte a insegurança cidadã. Desde a mudança de conceito do que definimos como prisão, pela denominação de Pueblo (9). Se trata os presidiários como membros de um povoado, e com este os dados mostram que das pessoas que saem daí somente o 1% regressa à delinquência(10) ; quem faz esta administração não é das forças armadas, cada membro deste recinto está obrigado a participar de forma ativa nos trabalhos indicados: “conseguindo que se sintam melhor anímicamente, cuidam de seu comportamento em direção aos demais e sobre tudo tem outra forma de olhar a vida presente e futura já que se sentem aptos para reinserir-se na sociedade”, como explica um deles. Então se desejamos um bom futuro com uma convivência sadia e diminuir o índice de insegurança, dependerá de como nos relacionemos com os demais, que nível de inclusão utilizaremos, sejam pessoas de qualquer grupo social marginal, entre eles, pessoas que saíram da prisão.

Temos então que o bom ambiente determina o comportamento de seus habitantes, influenciando-se mutuamente de maneira positiva, faz com que as pessoas sejam mais cuidadosas nas ações que se executam criando um ambiente sinérgico para todos.

(7) Insegurança cidadã se define como o temor a possíveis agressões, assaltos, sequestros, violações, dos quais podemos ser vítimas. <http://blog.pucp.edu.pe/item/6096/definicion-e-causas-de-a-inseguridad-cidadna-en-el-peru>

(8) <http://atualidade.rt.com/atualidade/161467-punta-rieles-carcel-uruguay>

(9) Segundo RAE prisão: Local destinado a reclusão de presos; pueblo: Conjunto de pessoas de um lugar, região ou país, se tem uma dinâmica de pueblo e comportam-se como tal.

(10) De cada 300 liberados somente 4 regressam para a delinquência.

Quanto mais os indivíduos dão e mais se incluem em uma sociedade integral, mais se satisfazem dela.

É uma demonstração que uma pessoa, de sua posição aporte ao bem social, somente ao adquirir consciência disso. Quando alguém é reinserido na sociedade adequadamente não necessita voltar a delinquir, porque está integrado em um grupo onde tudo se torna muito mais fácil, e sem pressões resulta em uma boa convivência. Se nos concentramos nas fortalezas das pessoas e não em suas debilidades, elas, a partir de suas habilidades particulares aportariam ao bem comum geral. Desta maneira se reduziriam nossos niveles de intolerância, temor e insegurança, porque todos estaríamos aportando algo para o bem-estar comum presente e futuro.

Cada pessoa é única e parte do todo, na era globalizada não há nada nem ninguém que pode estar desconectado deste sistema, mesmo que haja cometido um crime; isso nos leva a pensar sobre o que podemos fazer pelo nosso bem comum, como somos solidários e tolerantes para reparar muitos aspectos da sociedade em situação de crise que observamos dia a dia. Agora é um tempo ideal e propicio para começar a realizar grandes mudanças começando em nossos pensamentos até nossas ações. A educação para uma sociedade integral é nossa grande oportunidade de remediar os erros do passado e construir um mundo diferente, igualmente para todos.

II.8. Educar-nos em base a interações recíprocas

Neste momento uma pessoa está lendo um artigo no Facebook, que se tornou “viral”- sobre a importância da conexão entre as pessoas para a resolução de problemas na comunidade. Atenta e motivada pelo interesse que desperta a informação, faz um comentário e o compartilha entre seus contatos, recomendando a publicação. O que esta pessoa está fazendo é o que alguns psicólogos atribuem à Teoria Social Cognitiva: “De forma única, a teoria sobre a aprendizagem social explica como os comportamentos são aprendidos no contexto

do determinismo recíproco ou da interação entre os comportamentos observados, os fatores cognitivos e os meios externos. Estas interações afetam a eficácia, incentivando ou não o desempenho de um comportamento particular. Esta teoria serve como base para muitas outras sobre a promoção da saúde e da educação, baseadas na evidência”. Isto significa que o leitor do artigo foi motivado por seu entorno e o êxito da publicação compartilhada, com uma atitude de confiança que o compele a compartilhar uma informação valiosa induzindo a uma interconexão e inter-relação entre seu ambiente virtual, que logo passará para o entorno real.

Os grupos de ajuda se unem para superar juntos situações e problemas em comum e alcançar mudanças pessoais e sociais.

Mesmo que esta pessoa ignore qual será a resposta das pessoas que lerem o artigo, o que resultará de acordo a conduta da outra pessoa, seu meio ambiente e suas qualidades internas, no momento de compartilhá-lo pode considerar o papel da persuasão social e o contágio de sua atitude cooperativa ao crer que se podem conseguir progressos em a comunidade através da aplicação do princípio de conexão que o artigo fazia referência. Segundo o princípio de auto eficácia, a confiança, o prazer e o bem-estar que tem o leitor sobre a difusão do artigo, faz que tenha êxito independentemente do desenlace. Isto é confirmado pelo resultado de uma investigação que comprovou que as pessoas podem regular seu nível de ativação fisiológica (liberação hormonal) através de sua crença no auto eficácia (Bandura e Huston, 1961).

Atualmente, em uma entrevista realizada com o octogenário psicólogo Albert Bandura, onde menciona que projetos relacionados com a auto eficácia estão sendo aplicados ao menos em sessenta países: “Várias organizações não lucrativas estão produzindo series dramáticas para a televisão e o rádio dirigidas para influenciar no comportamento do público, como as telenovelas que contam com personagens comprometidos que enfrentam lutas que poderiam ser familiares para a audiência”. Bandura faz referência a extraordinária capacidade humana de usar as imagens e símbolos, e sobre a base de suas capacidades simbólicas, as pessoas podem compreender seu meio ambiente, criar planos de ação para resolver problemas, adquirir novos conhecimentos mediante o pensamento reflexivo e comunicar-se com os demais apesar da distância, do tempo e do espaço.

Quando uma pessoa compreende os símbolos e é auto eficaz começa a dar estrutura e significado a sua vida: “A auto eficácia tem se convertido em um objeto chave nos circuitos educativos em grande parte do mundo e está sendo aplicado no setor da saúde, esportes, gestão empresarial e problemas sociais crônicos como o AIDS em países desenvolvidos. Também é uma característica do movimento da psicologia positiva que se foca no desenvolvimento de fortalezas de carácter, em lugar do alívio das patologias”.

Então, o leitor que difundiu o artigo em sua rede social e posteriormente em seu entorno imediato pode adotar um novo sistema de valores...? Se aprendeu a formar a atitude correta em direção a tudo que o rodeia, se conseguiu estar em sintonia com a natureza, se leva em conta sua atitude e intenção de suas ações, então está preparado para integrar-se à grande rede de interações e conexões que é o mundo. A auto eficácia desta pessoa, em relação à sociedade, lhe permitiu ver-se como alguém capaz de modificar seu mundo e beneficiar aos demais incentivando-os a conectar-se entre si.

Na educação inclusiva todos têm lugar,
significado e importância, e algo
pessoal com o qual contribuir na
interação consciente.

PARTE III

III.1. Redes de ajuda mútua

Estamos acostumados a ver nossa realidade geralmente em termos de “ganhar-perder”, isto é, se uns se beneficiam, outros necessariamente devem perder. Este conceito está tão arraigado em nós que nos custa pensar em termos distintos, mas deve surgir uma pergunta: é possível construir um sistema que nos garanta um caminho onde todos nos beneficiamos o tempo todo de nossas ações particulares e coletivas?

Hoje vemos que o caos e a angústia campeiam nossas sociedades que se expressam através de atos violentos de distintos graus, grandes e pequenos, onipresentes em nossas vidas quando os indivíduos não podem tolerar ou diferir mais a pressão interna e o estresse acumulado por temor ao futuro. Durante milhares de anos construímos sistemas e mecanismos de defesa contra os golpes, tentando paliar os sintomas, mas nunca solucionando as causas. Temos assumido que “as coisas são desta maneira”.

Não obstante, se conseguirmos forjar um sistema equilibrado ente nós incluindo a natureza, e não somente de forma ecológica, começaremos a viver de forma mais elevada, mais livre de medos e incertezas, onde nossa energia, nossos temores e nossos esforços não sejam desperdiçados e por sua vez entrarmos em combate uns contra os outros sem solucionar nada.

Uma rede de ajuda mútua não é meramente uma cooperativa ou uma rede de beneficência, pois já existem e não deram o resultado esperado. Se deve estabelecer a reciprocidade como base na qual o indivíduo se sinta respaldado sempre - logrando mais harmonia, mais paz, mais equilíbrio e tranquilidade, na qual se perceba, que apesar do que está dando, sempre ganha. Esta rede integral operará de maneira que seus componentes individuais se elevem continuamente, já que sua vida se expande através da conexão com o outro. Esta elevação poderá deixar para trás o que hoje nos parece insolúvel.

É difícil fazer mudanças individualmente, por esta razão as pessoas sentem a necessidade de apoiar-se umas às outras.

A rede de ajuda mútua em sua base começará por meio do aporte material dos indivíduos, bens e serviços à comunidade sem perder de vista que isto é meramente um meio para conseguir a conexão entre todos. Isto deverá ser explicado e difundido para que se entenda a reciprocidade, como funciona, que metas se buscam, e como a harmonia, a satisfação, e uma plenitude individual podem ser alcançadas através dela.

O estabelecimento de um sistema integral amplifica a capacidade e a força do indivíduo de forma não linear quase exponencial. É tempo de mudar o “um” e o “eu” por “muitos” e “nós”. A unidade inicial alcançada no intercâmbio de coisas simples se tornará em uma mudança social forte se o conceito de garantia mútua é compreendido inequivocamente. Isto é o que realmente necessitamos para enfrentar a escala atual dos perigos eminentes, guerras, fome, enfermidades, desastres naturais- que enfrentamos.

A crise nos está empurrando a um novo nascimento, a baixar a um nível de consumo racional onde temos tudo o que necessitamos vivendo todos em equidade de forma plena, dentro de nossas diferenças, e sem temor ao futuro. A construção de uma nova humanidade com garantia mútua é a inexorável resposta que surge do caminho crítico que estamos atravessando, não como uma questão de progresso, mas sim da própria existência.

Como seres humanos necessitamos estimular a generosidade, que não somente favorece a nós mesmos, mas a toda a sociedade.

III.2. Aprofundar a conexão entre as pessoas

As relações em nossa vida nos fazem quem somos. É nosso destino nos conectar com outros e gerar sentimentos comuns que estabeleçam vínculos. Seja por um curto tempo ou por toda a vida, reconhecer que as conexões podem elevar nossa experiência de vida e ajudar para que sejamos pessoas melhores, nos impulsiona a cuidar e a transmitir isso, inclusive com intenção de ajudar a outros na mesma experiência de crescimento.

Aprofundar, afiançar, requer dedicação e cuidado, e necessariamente, estabelecer a forma de alimentar aspectos positivos que assegurem a sanidade de quem intervém.

Abrir nosso ser a outras pessoas, muitas vezes se converte em um tema de troços e problemas pois, ao tentar cuidar o eu pessoal, perde a possibilidade de conectar em plenitude com outro. Assim, é primordial prever a importância de decidir sobre aquilo que estamos dispostos a mudar em nossos costumes para o benefício de uma boa conexão (1).

Algumas ações podem contribuir a aprofundar as conexões, como revelar a vulnerabilidade, compartilhar desejos, aprender a dar e nos responsabilizarmos pelo nosso papel nelas.

Seguramente ninguém gosta de mostrar insegurança, entretanto, quando cruzamos o umbral deste temor, não somente nos abrimos para sermos compreendidos, mas também para sermos cuidados, dando ao outro a possibilidade de sentir-se pleno em acompanhar-nos e cobrir esse vazio emocional, disposto entre ambos para conectar. Esconder-nos detrás de um “falso eu” é um sinal de debilidade que não favorece.

Todos temos sonhos e desejos. Quando conversamos sobre eles, aparece a nossa profundidade, na qual se prende um entusiasmo implícito que flui da confiança, e em mais de uma ocasião, pode converter-se em uma meta comum. Mas isto somente acontece se estivermos dispostos a escutar o que os outros têm para nos dizer, e a falar sinceramente daquilo que nos inspira, que nos motiva.

Mas nada é tão simples como se ve. Quando se trata da construção de relações é fácil centrar-se no que queremos ganhar delas. Se desejamos conectar mais profundamente é bom concentrar-se em como ajudar ou o que dar às outras pessoas. É de vital importância nos dispormos a escutá-las e descobrir o que querem da vida.

Não há perdas nas boas conexões humanas, e uma forma de alcançá-las é nos responsabilizar 100% de nosso papel nelas. Todos temos certas responsabilidades

em uma relação e se são claras, damos uma poderosa mensagem de respeito e amor.

Devemos fazer tudo de nossa parte para que a conexão perdure, prospere e se aprofunde, para quem possa ter o prazer de ver, sinta a necessidade de se contagiar.

Não há melhor exemplo do que mostrar aquilo que melhora substancialmente a vida de todos.

A sobrevivência foi mais relevante para o homem primitivo e dependeu mais da colaboração e da ajuda mútua, do que da competição.

(1)<http://blogs.psychcentral.com/best-self/2014/10/how-to-connect-more-deeply-with-others/>

III.3. Jogos colaborativos: jogar cooperando

Não há dúvidas sobre o papel que o jogo desempenhou na recreação e cooperação nas sociedades primitivas e até a atualidade. Por ser um componente básico da natureza humana, o jogo nos acompanha desde o nascimento até a última etapa de nossa vida. Inclusive o historiador holandês, Johan Huizinga² determinou a expressão “Homo ludens” para assinalar a importância do jogo no desenvolvimento humano, argumentando que o jogo é anterior à cultura: “podemos dizer que o jogo foi parte integrante de a civilização em suas primeiras fases. A civilização surge com o jogo”.

Na medida que a civilização evoluiu, a base do jogo em si, fica estabelecida como um fator lúdico de conexão social e resolução de conflitos, entre outros benefícios. Das antemanhãs que alguns antropólogos reconheceram como lúdicos, até a elaboração de a Teoria do Jogo atual e seus benefícios biopsicossociais, podemos afirmar que os jogos nos permitem relacionar-nos em sociedade, resolver problemas e questões conflitivas em um grupo a comunidade.

O entorno e a necessidade para colaborar com os demais para a sobrevivência, tem sido também condições para a evolução do ser humano.

(2) http://art.yale.edu/file_columns/0000/1474/homo_ludens_johan_huizinga_routledge_1949_.pdf

Recentemente, algumas investigações da biologia evolutiva, mostram que os animais que se ajudam entre si ou aos humanos, poderiam estar demonstrando características altruístas como se se tratara de um “jogo cooperativo”: Quando se aplica o altruísmo animal, a teoria do jogo sugere que vários organismos desempenham um “jogo” matemático instintivo para determinar o que é melhor para o grupo. Isto tem o claro propósito de mostrar que em o jogo a ideia de cooperação é mais benéfica que a ideia de competição, inclusive entre animais.

Em qualquer caso, encontramos que mediante o jogo se replicam modelos de situações conflitivas ou cooperativas que nos permitem reconhecer situações da vida diária no mundo real. O que pensamos à primeira vista que é “coisa de crianças” está alcançando um alto grau de sofisticação matemática e se tem mostrado de grande versatilidade na resolução de problemas. Não obstante, o amplo campo de investigação dos jogos em psicológica, sociológica, econômica, jurídica, etc., nos dá cada vez mais de ferramentas que podemos utilizar para melhorar a conexão entre as pessoas a partir do ato de jogar.

III.4. Caminhando em direção ao altruísmo

O esforço em buscar o bem alheio esquecendo de si mesmo, o altruísmo, nos parece algo inerente à nossa natureza. Pensamos que em muitos casos realizamos atos totalmente desinteressados, sem recompensa aparente para nós, como uma doação anônima ou ajudar a um desconhecido na rua. Todos podemos citar numerosos exemplos nos quais não apreciamos em nossa intenção um ganho próprio além do bem comum. Apesar disto, curiosamente, imagens de ressonância magnética indicam que o mesmo centro de recompensa no cérebro se ativa quando realizamos atos altruístas totalmente desinteressados do que quando, por exemplo, recebemos dinheiro. Deste ponto de vista, os mecanismos de recompensa impressos pela evolução, dar resulta igual a receber, e não há diferença em como nosso cérebro, percebe ambos.

Outros estudos mostram que as zonas do cérebro que analisam nossas relações sociais se ativam antes que realizemos algo por uma pessoa. Isto sugere que primeiro avaliamos a situação, examinando se essa pessoa pode eventualmente devolver nossa ação, e se avaliamos que ela pode atuar de forma altruísta em relação a nós, teremos uma maior tendência a corresponder. Os evolucionistas apontam que esta tendência deriva de um mecanismo de adaptação para sobreviver, tal como o exemplo de uma árvore que pode perder suas folhas no outono para acumular um colchão de nutrientes para o inverno que se aproxima.

Primariamente tendemos a ter um instinto mais marcado de ajuda em relação a nossos parentes sanguíneos e muito forte em relação a nossos filhos. Isto coincide com nossos desejos humanos que buscam preservar a espécie.

É conhecida a forma de administrar latina, para quem os laços de família são fortes, que coloca a amigos e familiares em posições de confiança, oposta à anglo-saxã que realiza uma seleção mais profissional inclusive evitando intencionalmente isto. Por isso se aponta que a sobrevivência dos mais cooperativos seja talvez, uma das formas mais eficientes de sobrevivência dos mais aptos, onde os neurônios espelho podem ter um papel em facilitar o altruísmo através da empatia na compreensão de certas situações que nos fazem querer atuar de forma desinteressada.

A sociologia sugere que as necessidades da sociedade costumam ser opostas às do indivíduo em casos particulares, e como o bem comum é predicado como mais importante (subjetivismo social), surge o auto sacrifício para obter uma situação melhor para todos, posto que se percebe que em o médio prazo o indivíduo também se beneficiará do esforço realizado.

Necesitamos uma sociedade menos competitiva e mais colaborativa. Não podemos continuar lutando pela sobrevivência do forte sobre o débil.

Vendo os pontos de vistas evolutivos, sociais, e a informação dada pela formação de imagens do cérebro (3), nossas tendências supostamente desprendidas no não ficam claras. Considerando que o desenvolvimento de um amor e um atuar verdadeiramente altruísta, sem recompensa de algum tipo para nós, é a direção do progresso humano, parece que temos um largo caminho que recorrer para conseguir a mudança necessária.

III.5. Estimular a generosidade

Transformar as boas ações em bons sentimentos, e que estes sentimentos nos façam mais felizes e fomentem a conexão social foi o tema central de uma investigação desenvolvida por Lara Aknin da Universidade canadense Simon Fraser (SFU) (4). Deste trabalho, pela primeira vez se encontraram dados sobre como a conexão social ajuda a converter o comportamento generoso em sensações positivas para quem exerce uma ação de generosidade.

Se nos educamos integralmente,
obtemos o conhecimento de como
funciona o mundo e como ele pode ser
manejado.

Assim, a investigação tem implicações para as organizações sem fins lucrativos que promovem benefícios para a sociedade. O objetivo é determinar que se ao ser generosos temos uma maior sensação de felicidade, poderíamos aumentar a cota de generosidade com mais frequência do que o habitual ao mesmo tempo que fomentamos a conexão social, com repercussões positivas para todo o conjunto da sociedade.

Se bem que as pessoas generosas se sentem mais felizes quando dão algo para pessoas conhecidas, somente o fato de dar aos demais fomenta a conexão social mesmo com desconhecidos. Se as pessoas com tendência à generosidade se sentem cada vez mais felizes e conectadas socialmente, elas mesmas podem converter-se em defensoras da causa em que trabalham e gerar um contágio social através do marketing espontâneo.

Somado a estes benefícios, a investigação demonstrou um efeito positivo sobre a felicidade que gera a interação social e a participação no trabalho voluntário. Cada vez estamos mais perto de compreender que a generosidade é um valor que se faz presente na conexão com os demais. Não podemos estar felizes ou nos sentir bem se tendo a capacidade de dar algo aos demais não o fazemos. Como seres humanos necessitamos estimular esse lado generoso que não somente nos favorece mas favorece também toda a sociedade.

III.6. Cooperação e apoio mútuo para resolver conflitos

Nossa história evolutiva descreve que aconteceram múltiplos e diversos os conflitos entre distintos grupos ao longo dos séculos. O Instituto para a Economia e a Paz (IEP) (5), conseguiu quantificar os atos de conflito entre grupos a nível mundial e as estatísticas não são alentadoras sobre o aumento dos mesmos e a possibilidade de repetição. Esta situação não é nova para o ser humano, existe em todas as sociedades e existem provas de que as sociedades caçadoras e coletoras estiveram envolvidas em guerras e assassinatos em massa.

Tudo em a história parece indicar que os conflitos entre grupos e a agressão tem estado presentes sempre. Entretanto é agora quando se começa a vislumbrar que os grupos podem aproveitar-se das situações posteriores aos conflitos e obter oportunidades de colaboração e diálogo com o outro grupo envolvido no conflito. Através do diálogo circular pós conflito se pode facilitar a cooperação intergrupal. Mesmo que esta cooperação seja frágil devido à hostilidade e as reações emocionais negativas, as deliberações ou diálogos circulares podem melhorar a tomada de decisões e aumentar as possibilidades de benefícios mútuos entre os grupos.

Se levamos em conta que a cooperação entre os grupos tem sido considerada requisito essencial para a sobrevivência e a expansão dos seres humanos no mundo, qual é a razão para que existam grupos para os quais é difícil tomar decisões para seu próprio benefício derivadas da cooperação com outros grupos. Em alguns casos, quando as emoções negativas não permitem antecipar as consequências das decisões de alguns grupos, se dificulta a percepção de oportunidades para satisfazer seus próprios interesses através da cooperação com membros de outros grupos.

Cultivar a tolerância em direção aos demais, nos permite nossa incorporação à sociedade como algo natural, gerando mais empatia.

(5) <http://www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0114013>

Os grupos, como parte de um contexto social determinado, através do diálogo circular podem ajudar seus membros a reconsiderar as decisões e analisar os prós e contras das mesmas. Esta alternativa pode levar os grupos a tomar decisões mais racionais. Não obstante, a compreensão da forma em que os seres humanos fazem frente a situações posteriores aos conflitos é uma questão para a sociedade atual. Frente a isso devemos priorizar as instancias de diálogo que aumentem a cooperação entre ambas partes do conflito demonstrando que benefícios podem ser obtidos com a colaboração mútua.

Além destes conflitos, os seres humanos também têm demonstrado uma capacidade para a cooperação e a confiança entre grupos. Investigações do paleolítico descrevem como as relações amistosas entre grupos melhoraram o uso dos recursos de um território e a expansão da agricultura. Foi documentado que a violência entre grupos diminuiu desde a pré-história até nossos dias devido aos esforços para reconciliar grupos hostis com o propósito de aumentar a confiança e o benefício mútuo depois de conflitos entre grupos. Mais importante ainda é destacar o papel de a teoria evolutiva de jogos que aprofunda a cooperação entre grupos, povoados e redes complexas de conexões sociais promovendo a resolução de conflitos mediante a cooperação.

III.7. Relevância social da ajuda mútua

Através de a história de a humanidade houve distintas posições científicas sobre a teoria de a evolução. As descobertas de Charles Darwin (6) sustentaram que a luta pela sobrevivência constituiu o princípio dominante da natureza em geral e das sociedades humanas em particular. As investigações posteriores não descartaram o enfoque darwiniano, mas o completaram. Peter Kropotkin (7) observou que a natureza mostrava a luta entre diferentes espécies e entre grupos de uma mesma espécie, mas em termos gerais se chegou à conclusão que a convivência pacífica e o apoio mútuo prevaleciam dentro do grupo e a espécie.

Atualmente vemos que nas espécies que estão mais desenvolvidas a solidariedade e a ajuda recíproca entre os indivíduos, são maiores as possibilidades de sobrevivência e evolução. Para citar um exemplo podemos observar o comportamento das formigas, entre elas não existe luta nem competição pelo alimento entre os membros de um mesmo formigueiro ou de uma colônia de formigueiros. A ajuda mútua dentro da comunidade, a abnegação em benefício comum se transforma em costume, e o sacrifício para o bem comum; é a regra geral.

6El naturalista inglês Charles Darwin postulou que todas as espécies de seres vivos evoluíram mediante um processo denominado seleção natural.

(7) Peter Kropotkin foi um geógrafo e naturalista russo que desenvolveu a teoria do apoio mútuo.

Reconhecer a importância que tem a cooperação e a ajuda mútua na adaptação social não contradiz a teoria da seleção natural de Darwin. O apoio mútuo é um fator biológico da evolução, de tal modo, que podemos afirmar que o principal papel na evolução ética da humanidade foi desempenhado pela ajuda mútua e não pela luta mútua. Na ampla difusão dos princípios de ajuda mútua, mesmo em meio de uma crise global, vemos também como a melhor garantia de evolução mais elevada do gênero humano e aqui entra em jogo o instinto de sociabilidade. Este instinto ensinou a homens e animais igualmente a ter consciência do prazer que se pode ter na vida social.

Se queremos um futuro sem crueldade,
devemos participar em jogos nos quais
o individuo não queira ganhar sozinho,
mas junto aos demais.

Se observarmos a psicologia dos animais e a ética humana, o amor, a simpatia e o sacrifício, naturalmente desempenham um papel enorme no desenvolvimento progressivo dos nossos sentimentos morais. Além disso, se criou sobre a consciência, mesmo que instintiva, a solidariedade humana e de a dependência recíproca dos homens. O apoio mútuo se constrói então sobre o reconhecimento inconsciente da força da prática comum de dependência estreita entre os seres vivos. São os sentimentos de justiça ou equidade que obrigam a considerar os direitos do grupo acima dos individuais. Portanto se nos perguntarmos: Quem é mais apto, aqueles que constantemente lutam entre si ou, pelo contrário, aqueles que se apoiam entre si? Em seguida vemos que os animais que adquiriram os costumes de ajuda mútua resultaram ser, sem dúvida alguma, os mais aptos. Têm mais possibilidades de sobreviver como indivíduos e como espécie, e alcançam em seus correspondentes níveis o mais alto desenvolvimento mental e organização física.

Para resumir podemos mencionar que a adaptação dos seres vivos a seu meio ambiente, seu desenvolvimento progressivo, anatômico e fisiológico, o progresso intelectual e mesmo o aperfeiçoamento moral, são fenômenos que começaram a

tornarem-se como parte de um processo comum. Começamos a compreendê-los como uma série de esforços ininterruptos, como uma luta contra diferentes condições desfavoráveis, passando por várias crises, desde o início da história, em uma luta que conduziu ao desenvolvimento de indivíduos, raças, espécies e sociedades que hoje nos definem. É então nesta época de crise global que devemos tomar como exemplo as leis da natureza para saltar para o próximo degrau da evolução humana: apoiar-nos mutuamente para construir uma nova sociedade em concordância com a natureza.

III.8. As instituições educativas como facilitadoras da mudança social

A educação escolar tem sido e seguirá sendo o foco de discussão central em todas as sociedades. Desde seus inícios até esta data, a escola é formadora de conhecimentos, mas também é o espaço onde nossos filhos crescem em convivência social permanente na qual aprendem muitas de suas condutas. Sendo assim relevante a participação colaborativa de todos seus atores neste processo de transformação, de modo que seu significado volte a ser válido dentro de nosso contexto de vida. Sua evolução vertiginosa é consequência natural das mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas a nível mundial, cujo resultado é uma escola com maior consciência social, que requer melhor preparação para a obtenção da aprendizagem.

Esta evolução vem de encontro a um enfoque inclusivo, cujo objetivo é garantir a todos os estudantes sem distinção de incapacidades físicas, psíquicas ou de conduta, sua aceitação em igualdade e o reconhecimento de suas capacidades, para as quais os currículos devem adaptar-se, de maneira que alcancem uma aprendizagem satisfatória. Isto traz, como consequência, a necessidade de reconhecer as características pessoais de cada aluno, as dificuldades, fortalezas e talentos de ordem natural, como também o desenvolvimento de métodos necessários para estimulá-los, sendo a aprendizagem o componente social na interação.

Dois fatores importantes no processo são a mudança na relação entre professores, pais e alunos, e o compromisso emergente entre eles frente ao objetivo educativo em comum. A comunicação constante sobre os avanços ou as dificuldades surgidas da interação, proveem mecanismos reflexivos para aceitar distintos pontos de vista orientados ao mesmo fim. Quando as comunidades se tornam inclusivas são capazes de reconhecer a importância do aporte das individualidades no crescimento mútuo dos integrantes. Começa a revelar-se o estado de

interdependência reconhecido em muitos ambientes naturais, dos quais o ser humano não é alheio.

Uma estratégia relevante da educação inclusiva é a metodologia cooperativa, cujos fundamentos sustentam a aprendizagem em interação social, gerando um clima adequado para a aprendizagem. Quando a cultura da cooperação cresce no ambiente escolar, permite o desenvolvimento equilibrado de altas capacidades em múltiplos aspectos de cada aprendiz, e ao mesmo tempo beneficia al grupo, com a consequente melhora na convivência dentro e fora do âmbito escolar.

Temos uma oportunidade frente ao propósito que parece emergir através da cooperação: a unidade entre os seres humanos. Toda uma geração que se eduque nesta nova gestão onde ninguém fica de fora, viverá o avanço emocional em direção a uma sociedade de garantia mútua. Todos e cada um dos seres que a integrem terão lugar, significado, importância e algo pessoal com o qual contribuir, conscientemente interconectados. Será o fim da marginalização dado que uma sociedade baseada nestes princípios cobrirá qualquer necessidade o salvará toda dificuldade, que se tornarão simples anedotas, das quais poderemos agradecer, pela mudança que geraram.

Epílogo

As condições de vida das gerações passadas nos podem parecer, à primeira vista, mais difíceis que as atuais. Entretanto dadas as circunstâncias, este século enfrenta a problemáticas educativas, econômicas, políticas, bélicas, sociais e ambientais sem precedentes. Enquanto a crise em educação se agrava, os fenômenos sociais mais destacados vão aumentando, segundo as estatísticas, com respeito aos suicídios, depressão, divórcios, violações, atos criminais, bullying, drogas e alcoolismo por um lado; calamidades climáticas de alto impacto ambiental e danos enormes a nível tecnológico e energético em Fukushima (Japão) e no Golfo do México, por outro. A guerra civil na Síria e os refugiados; Líbano e Ucrânia na mira bélica. E mesmo por um momento pensamos que na América Latina tem outros problemas, o surgimento de uma guerra em qualquer canto do planeta, nos afetaria a todos a nível global. O mundo nos exige uma correção através da conexão, mas esta conexão aparenta estar muito longe de nossos desejos. Inclusive, os órgãos internacionais criados para trabalhar em resolver os conflitos e as relações entre as pessoas e os países tem fracassado em todas tentativas.

Assim, toda a informação que nos oferecem os meios de comunicação é tão diversa e perigosa que nos consternamos por um momento, para ativar posteriormente o mecanismo de indiferença frente a realidade que nos supera. E nestas circunstancias vertiginosas uma nova geração espera algo de nós. É a geração de nossos filhos. Nosso desenvolvimento científico, social, e tecnológico não lhes traz felicidade; não gera satisfação nem bem-estar, e nos encontramos sem nada de positivo para deixar-lhes. Perdemos o caminho como família, como sociedade e pedimos soluções aos nossos líderes, como se eles tivessem as respostas, até que possamos advertir que todos estamos perdidos no mesmo deserto, competindo para chegar primeiro ao oásis.

Se nos desenvolvemos através da sociedade, ao nos conectar entre nós, podemos eleger uma maneira distinta de desenvolvimento, na direção que desejamos, sem competição. Um desenvolvimento planejado é o que devemos construir para a nova geração. Se desde o início da humanidade nos desenvolvemos obrigatoriamente pelas forças da Natureza, estamos em um momento em que verdadeiramente podemos decidir por nós mesmos, pela primeira vez na história. Nossa possibilidade de evoluir se constitui na construção de um entorno especial que nos ajude a corrigir nossa natureza. Devemos nos desenvolver de tal maneira que possamos utilizar o egoísmo para criar um bom entorno no qual educar a as crianças e a as pessoas para que utilizem seus impulsos na construção de uma sociedade integral.

Na sociedade integral, redirecionaríamos as forças de aniquilação que nos invadem, em direção ao bem-estar da humanidade. A través da educação, da cultura, arte, livros, redes sociais, todos falaremos do novo mundo. E mesmo que não estejamos neste estado, podemos tentar cria-lo com nossos filhos, em família. Construir um entorno que influa neles e em nós. Sabemos que estamos na maioria do tempo sob um diluvio de influencias de todo tipo; entretanto nós estaremos dispostos ,por nossos filhos e a segurança do futuro, a começar a formar um novo tipo de vida. Considerando também que todos os estados que passamos e as crise são revelações das falhas pessoais para poder corrigir nossa natureza.

Pode soar utópico pensar em construir uma humanidade integrada. Talvez possa parecer um sonho que o mundo se sinta como uma única família, na qual todos vivem em harmonia, sob uma sensação mútua de dependência, onde o bem-estar de cada um depende do bem-estar da sociedade e que cada um se preocupa por todos e todos se preocupam por cada um em particular. Simplesmente este estado chega e irá se expandir pouco a pouco na medida em que cada pessoa trabalha segundo sua capacidade, pelo bem do mundo, como hoje está disposto a trabalhar pelo seu próprio bem-estar. Este estado é o que necessitamos brindar à nova geração.

Entendemos que as pessoas são diferentes umas das outras e estamos em um momento social muito complexo como humanidade. Distintas ideologias, crenças, religiões, costumes, comportamentos, abarcam o planeta de um extremo a outro. Resulta que, apesar desta realidade, devemos tratar com respeito e amor a cada um, a cada pessoa que existe na humanidade, mediante uma intenção de coexistência que nos permita conviver com cada singularidade até agregar valor a sociedade integral que está sendo gestada. Sabemos que a educação gradualmente mudará o mundo e nos empurrará a realizar grandes mudanças na sociedade, na conexão entre nós, anulando fronteiras para cimentar uma humanidade única, unida e integrada. Por isso, tudo o que fazemos deve ser a favor da humanidade; e nesta sensação de nos incluir e participar, de amar aos demais, se gestará o novo mundo e a nova vida nele. Mesmo que não seja esta a demanda da nova geração, ela espera uma mudança, um preenchimento deste vazio existencial e somente com uma educação integral podemos alcançar.

Na compreensão de que o mundo em que vivemos hoje é global, se encontra o significado da educação integral.

Este sistema educa sobre as bases de que todos os componentes e sistemas do planeta são completamente interdependientes, e que cada elemento determina o destino de todos os demais elementos do mundo. Por si mesmo, este princípio integral faz referência ao progresso da humanidade no sentido que de agora em adiante no haverá espaço para a discórdia entre nas diferentes partes do mundo,

dado que tudo o que for contra da integração se interporá ao progresso, à evolução e fundamentalmente à Natureza.

Todos devemos compreender, cedo ou tarde, que a conexão absoluta entre todas as partes do mundo é um fato. Se transmitimos esta mensagem à nova geração, se tornará consciente ao saber que se cada pessoa se encontra em concordância com esta integração, terá êxito na vida porque estará provida das habilidades necessárias para sobreviver.

Hoje em dia os indivíduos mais fortes não são precisamente os que sobreviverão. Ou melhor, a sobrevivência dependerá da capacidade que cada um tenha para compreender e apreciar que a integração, a cooperação, a interconexão, a responsabilidade mútua, as concessões e a unificação são as demandas da Natureza; e seu objetivo é levar a humanidade ao equilíbrio de acordo com suas leis, a uma máxima harmonia entre todas suas partes e desta forma mudar o futuro das gerações presentes e futuras.

Sobre a Humanidade Integrada

Nossa meta primordial é brindar ferramentas às pessoas para que aprendam a conectar-se entre elas e possam transmitir o valor da garantia mútua, na família, em nossas comunidades e na sociedade em que vivemos.

O objetivo concreto é assentar as bases de uma adequada conexão social, através de nosso método de conexão que desenvolvemos considerando que nosso bem-estar pessoal e o bem-estar da sociedade são interdependentes: uma sociedade integral e interdependente é responsável e se preocupa pelo bem-estar e êxito das pessoas que a integram, considerando que esta é a única forma sensível e sustentável de viver.

Para nós, a noção de garantia mútua ou recíproca é similar ao princípio de “homeostases” que encontramos na natureza e que consiste no equilíbrio dinâmico de um determinado organismo, cujas partes trabalham para alcançar o bem-estar do conjunto de órgãos e células que o compõe.

Nosso objetivo é tomar o exemplo da natureza e seus mecanismos para restaurar essa noção como um meio através do qual, todo tipo de pessoas, comunidades e sociedades em geral, gozem de bem-estar e uma vida plena, acima das crises que convulsionam o mundo inteiro atualmente. Nossa sobrevivência dependerá da capacidade que tenhamos para compreender e apreciar que a integração, a cooperação, a interconexão e a responsabilidade mútua, são as demandas da nova “humanidade integrada” que o mundo global precisa.

Nossa Proposta é incentivar que as pessoas se eduquem e participem em atividades de conexão que favoreçam o apoio mútuo entre os membros de uma família, amigos, companheiros de trabalho, estudantes e de toda a comunidade. Através da geração de espaço inclusivos, nos âmbitos públicos e privados, escolas, instituições, empresas, organizações, etc., e mediante palestras, diálogos circulares, mesas de trabalho, conferencias, oficinas, seminários, atividades lúdicas e recreativas, estaríamos desenvolvendo paulatinamente as ferramentas de conexão necessárias para alcançar o objetivo de nos converter em uma “Humanidade Integrada”.

Para maiores informações sobre nós, você pode consultar os seguintes links:<http://humanidadintegrada.org/> <http://humanidadintegrada.org/sitio/>
<https://www.facebook.com/humanidadIntegrada@HumanIn>